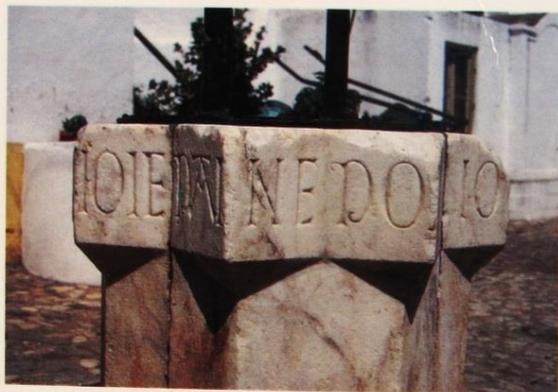


ARTÍSTICO
DE AVIS

GUIA



CÂMARA MUNICIPAL DE AVIS

GUIA ARTÍSTICO DE AVIS

Jorge Rodrigues

Câmara Municipal de Avis

Avis

1993

FICHA TÉCNICA:

Texto e Fotografias: Jorge Rodrigues

Execução Gráfica: DIGITRAMA, LDA. - Ponte de Sôr / Elvas

Apoio:



LEADERSOR
Ponte de Sôr

Este Guia Artístico tem como objectivo dar a conhecer o valioso património artístico do Concelho de Avis, no Distrito de Portalegre.

Sede de uma das mais importantes Ordens Militares Religiosas portuguesas, que tomou o seu nome da Vila para onde mudou, no século XIII, a sua sede, Avis teve ainda o singular destino de dar o nome à mais emblemática Dinastia portuguesa, sendo Mestre de Avis o Rei, D. João I, que só o foi após aclamação popular, num processo que a historiografia não tem cessado de valorizar.

Avis é, para além da fama, um Concelho de uma enorme riqueza artística, com uma bela Vila muralhada, onde se conserva o que resta do imponente Convento de S. Bento, outrora de grande importância religiosa, militar e política. Mas Avis tem, na própria Vila ou espalhados pelas Freguesias que compõem o Concelho, muitos mais tesouros insuspeitados, que este Guia desvendá e dá a conhecer, constituindo um convite para uma visita interessada e sempre benvinda.

Eis Avis.



Vista geral da Vila de Avis

MURALHAS

AVIS

FREGUESIA DE AVIS

CASTELO - MURALHAS



Entrada da Muralha e Torre da Rainha

Erguidas no século XIII, aquando da instalação da Ordem Militar de S. Bento de Avis na vila (o que ocorreu em 1214, transferida da sua primeira sede em Évora), foram modificadas no século XV, a mando do Condestável D. Pedro que mandou construir a Torre de Menagem, e nos séculos XVI e XVII. Classificado Monumento Nacional, por Decreto de 16 de Junho de 1910, o conjunto do castelo e muralhas de Avis, que cercam ainda grande parte da zona alta da Vila, está afecto ao I.P.P.A.R.

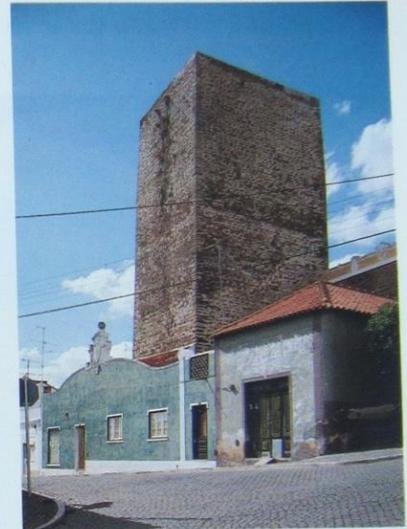
ARQUITECTURA: O essencial das muralhas que cercavam a Vila existe ainda hoje, embora grande parte delas estejam embebidas em habitações ou muros de separação de propriedades. Desafectadas estão as da entrada, a Sul, parte das que circundam o Convento, a nascente, e um troço recentemente restaurado, a poente, entre as torres de S. António e S. Roque. Estas são duas das três torres sobreviventes, sendo a terceira a do Convento ou da Rainha, que dá para o adro do Convento através da seiscentista Porta do Arco, que substituiu a Porta do Arco “de Baixo”, entaipada mesmo ao lado da dita torre. O Castelo (ou, mais propriamente, o castejeio com a Alcáçova) desapareceu totalmente, já que se ergueria no canto sudeste onde foi construído o Convento. Igual sorte, mas bem mais recente (já deste século) teve a Torre

de Menagem, que se situaria no adro junto ao antigo Palácio do Prior-Mor (edifício do século XVIII, hoje Câmara Municipal), totalmente destruída. Das outras torres, duas foram demolidas no reinado de João IV, provavelmente para facilitar a construção de dois revelins abaluartados - nos cantos sudeste e sudoeste - mantendo-se ainda em bom estado o perfil deste último, tendo ao pé a base de uma das torres desaparecidas. Na sequência da muralha, correndo para nascente, são perceptíveis dois cubelos circulares, intactos, integrados em propriedade de particulares.

Quanto às outras duas torres sobreviventes, a de S. António, a poente, está hoje totalmente cercada por habitações, sendo o único acesso possível através da parte de muralha que a liga à de S. Roque, que protegia a entrada



Pormenor dos Estuques da Porta do Adro



Torre da Rainha



Cubelo Circular da Muralha a Sul

Norte da Vila - e o respectivo arrabalde, com a judiaria medieval - tendo junto a si uma lápide comemorando a fundação de Avis, com a inscrição:

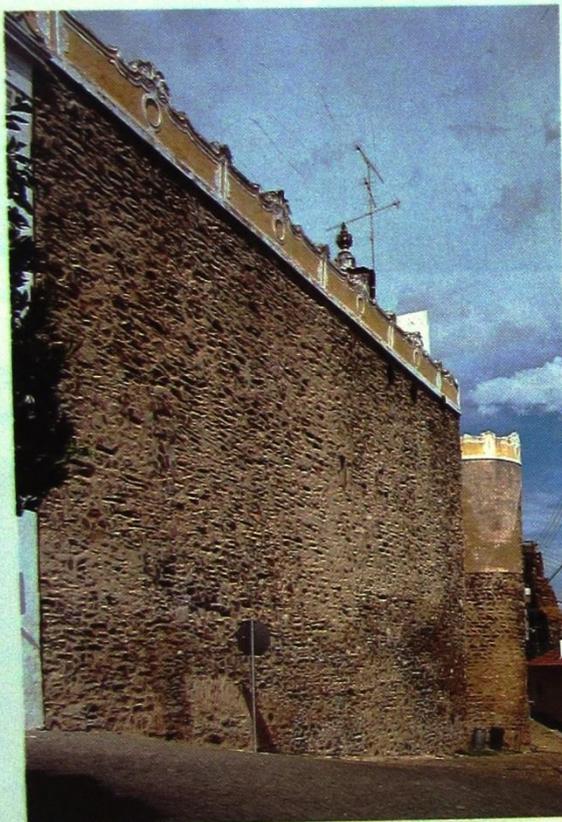
FERNANDUS MAGISTER DEI GRA
 ORDINIS CALATRAVEN IN PORTUGAL
 CUM SUO CONVENTU IPLAVIT AVIS IN
 FESTIVITATE ASSUPCIONIS SCE MAR E
 M.CC.LII STEFANUS MARTINI SCRIPSIT
 PATER NOSTER PRO AIA EIUS



Inscrição alusiva à Fundação da Vila

Como pormenor técnico de relevo, destaque-se o uso predominante do xisto na construção, com a utilização de abóbadas de berço nos tramos das escadas de acesso ao cimo das torres e a utilização do aparelho em “espinha” nas muralhas duocentistas, ainda bem visível em tramos da parte Norte e nascente.

IMPLANTAÇÃO: No cimo de uma colina onde se ergue a Vila, dominando todo o campo em redor. Excelente efeito cénico na aproximação à entrada, com o destaque para o conjunto da Torre do Convento/Porta do Arco/muralha, decorada com motivos barrocos de mármore e alvenaria em contrastes de branco e amarelo, sendo também evidentes as silhuetas das Torres de S. António e S. Roque.



Pano da Muralha na Zona do Primitivo Castelo

CONSERVAÇÃO: Irregular. Bom para o conjunto referido (embora com erros no restauro), razoável para as outras torres e muralha que as liga, medíocre ou mau para o restante.

ACESSO: Livre no que diz respeito à muralha, salvo quando incluída em propriedade particular. Condicionado no que concerna às torres, à guarda da Câmara Municipal.

CONVENTO DE S. BENTO DE AVIS



Vista geral da frontaria do Convento de S. Bento

Cabeça da Ordem Militar fundada em Évora, em 1162, para auxiliar no combate aos mouros (ligada a Calatrava, em Espanha), para aqui viria após doação de um vasto domínio na região, de que Avis seria (possivelmente pelas suas qualidades estratégicas) a sede. O conjunto é formado pela Igreja - que foi já provisoriamente matriz, tendo como orago Nossa Senhora da Orada (cuja imagem ainda lá se mantém) - pela Sacristia, Sala do Capítulo, Refeitório, Claustro e Torre sineira (todos manuelinos) integrando, com algumas celas e dormitórios, a parte Norte do Convento, mais antiga. A Sul da Igreja foi construída, nos séculos XVII e XVIII, uma grande ala nova rodeando um amplo pátio. O conjunto está classificado como Imóvel de Interesse Público.

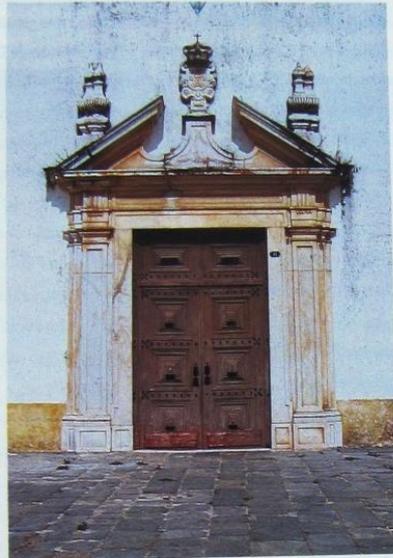
ARQUITECTURA: Da primitiva igreja, medieval, não chegaram até nós quaisquer vestígios. Reconstruída e ampliada no decurso dos séculos, o seu carácter é hoje marcado por uma convivência entre a estrutura de finais de quinhentos (ou início de seiscentos) e a decoração predominantemente setecentista.

A fachada principal, recuada em relação aos edifícios circundantes, dá para um espaçoso adro, pontuado por guarnições em mármore trabalhado (séc. XVIII), à guisa de grinaldas, nos dois acessos à Vila, a Norte e poente - pela Porta do Anjo - sendo o terceiro feito, para o exterior, pela Porta do



Guarnição de Mármore no Adro

Arco, a Sul. O portal, majestoso, é obra - precoce - do período joanino, estando datado de 1711. É encimado por um frontão quebrado com duas



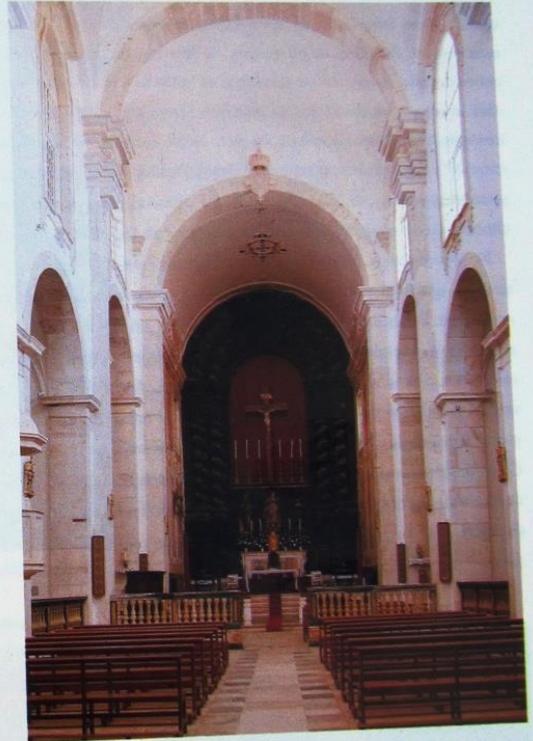
Portal Principal da Igreja Conventual

pirâmides, destacando-se ao centro o escudo com as armas de Portugal, ainda sem a magnificência que caracterizará as armas régias joaninas. O detalhe mais curioso desta peça, é, porém, o facto de ter sido concebida para ter uma leitura perspéctica, sendo as pilastras laterais trabalhadas de forma a fazer crer numa monumentalidade (sobreposição de três séries) que é apenas aparente.



Pormenor da Cimalha do Portal

Encimando a composição foi aberto um grande janelão, desproporcionado, com uma moldura já rocóco. O coroamento é feito por uma varanda com balaústres, enquadrando um pináculo com a cruz da Ordem. Destaque, no edifício da Igreja, para os arcobotantes que lhe sustentam a estrutura, sendo ainda bem visíveis os do lado Sul, já que os opostos se viram incluídos nas dependências posteriormente construídas.



Vista geral do interior da Igreja

O interior é amplo e luminoso, formado por uma só nave coberta por abóbada, dividida em extensão pelos torais dos tramos que a compõem. Ladeando esta nave estão quatro capelas, fundas e comunicando entre si, a que se sucede um transepto contido nos limites do rectângulo da planta do templo. Se exceptuarmos a profunda Capela-Mor, onde D. Pedro II mandou instalar um magnífico retábulo em talha, a remodelação do edifício que, em planta, faz lembrar as austeras construções jesuíticas de finais de quinhentos, deverá ser atribuída a Baltazar Álvares (então mestre das obras da Comarca do Alentejo), que em 1612 é encarregue, por Filipe II, da construção da hospedaria e enfermarias, à direita da fachada. Já as amplas janelas que hoje se rasgam na parte superior das paredes laterais, dando corpo a um belo clerestório de fantasiosas molduras rocaille em mármore, são, como os

portais de acesso à Sacristia e ao grande pátio a Sul, de finais do século XVIII, reinando D. Maria I.

As capelas laterais são, do lado da Epístola, dedicadas a Santo Cristo e Santo António, esta última toda forrada com azulejos de padrão do século XVII. Do lado do Evangelho sucedem-se as capelas de S. Pedro, com altar policromo de madeira entalhada do século XVIII, e a de Nossa Senhora da Orada, com um altar de mármore de Estremoz, branco e azul, tendo no nicho central - em maquete do séc. XVIII, sobrepujada por um querubim esculpido no mármore da guarnição - a bela imagem da padroeira. Duas outras capelas distribuem-se de ambos os lados da Capela-Mor (nos locais onde existiram os absidiolos da primitiva igreja medieval) abrindo para o transepto, sendo uma da invocação de S. Bento e do Senhor dos Passos, e a outra do Coração de Jesus (antes do Carmo). Destaque-se o silhar de azulejos setecentistas com emblemas litúrgicos da primeira, e a fantástica pintura oitocentista da segunda, bem como a cúpula com lanternim que a cobre.

No topo do braço Norte do transepto abre-se a porta, com sua complexa moldura que inclui a janela que a encima, que dá acesso à Sacristia, manuelina. É esta uma sala ampla, com abóbada em estrela assente em dez mísulas de decoração predominantemente fitomórfica e geométrica (cordas, esferóides, pinhas, alcachofras, etc...). As paredes, forradas por um silhar de azulejo policromo de finais do século XVIII - já rocaille, como a pequena mesa do centro da divisão - receberam um grande arcaz do mesmo período. Como noutras locais, as armas de D. Jorge de Lencastre e da Ordem de Avis decoram alguns dos bocetes da abóbada. Destaque final para a grade de ferro da janela, uma das várias que se mantêm nesta ala, provavelmente quinhentista.

À esquerda da fachada do templo, e a ela adossada, encontra-se a torre sineira, que se ergue acima de todo o conjunto monástico. Embora a data da sua construção não seja conhecida, as características que hoje apresenta são essencialmente as do período manuelino, das profundas alterações introduzidas por D. Jorge de Lencastre, filho bastardo de D. João II, nos primeiros anos do século XVI. Assim, sobre os quatro olhais com arcos de volta perfeita sustentados por colunelos de bases trabalhadas, encontramos uma pirâmide octogonal - com quatro outras, mais pequenas, nos cantos - dentro de um eirado ameado, à maneira da época. O interior, com uma abóbada nervurada, ostenta nos fechos as armas de Avis e de D. Jorge de Lencastre, para além de quatro sinos, sendo um do séc. XVII (ostentando o nome do Prior Dom Frei António de Brito), outro de 1756, e ostentando outro a legenda em caracteres góticos: "Ave Maria Gratia Plena Dominus Tecum Benedicte". Aos lados da torre dois pormenores merecem ainda referência: a pequena sineira, à esquerda e, sobretudo, o interessante relógio de factura renascentista, colocado num corpo entre a torre e o templo.

Entrando para o claustro primitivo, a Norte, acedemos à parte mais bem conservada das antigas dependências monásticas que ostentam, de resto, apenas duas relíquias da reforma trecentista empreendida pelo Condestável D. Pedro: uma porta ogival na parede da quadra encostada à Igreja e, sobretudo, a bela boca de mármore da cisterna, em forma de estrela de oito pontas e mantendo ainda a divisa do dito Condestável: PAINE POUR JOIE.



Torre Sineira



Poço em Estrela do Claustro

O resto do claustro, algo incharacterístico, mantém as arcarias - já não manuelinas mas ainda quinhentistas - nas faces poente e Sul e, nesta última, também a abóbada quase plana, cruzada por nervuras de bom desenho assentes em mísulas e mantendo os bocetes originais, com temática vegetalista.



Mísula da Sala do Capítulo



Pormenor Decorativo, em calcário, doutra Mísula

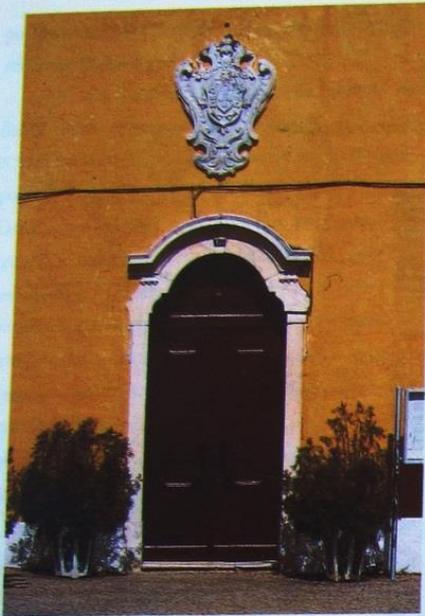
Entrando na ala nascente penetramos na antiga Sala do Capítulo, espaço unificado de bom efeito visual. Colocada no alinhamento da Sacristia é, como aquela, do período manuelino, conservando a abóbada sustentada por nervuras, formando uma complexa estrela de dez pontas assentes sobre outras tantas mísulas com uma decoração que vai da temática antropomórfica, com laivos fantásticos, até à simplicidade vegetalista dos acantos e entrançados; nos bocetes, por seu turno, encontramos as armas da Ordem lado a lado com as de D. Jorge de Lencastre, por entre fechos de temário vegetal.

Ao lado desta sala, passando para Norte, deparamos com o antigo Refeitório, de factura menos ostentativa mas de igual qualidade. Assim, a abóbada, com nervuras de forma ogival mais acentuada, repousa em oito mísulas mas também em duas colunas octogonais, com capitéis estreitos decorados com uma simples corda entrançada; quanto às mísulas e bocetes, e exceptuando de novo as armas de D. Jorge, a decoração é aqui predominantemente fitomórfica.

O outro grande pátio e dependências monásticas, que ocupam todo o ângulo sudeste do conjunto, estão hoje em avançado estado de ruína. Mantém-se, no entanto, o grande paredão exterior que, na parte mais a Norte,

assenta directamente sobre a muralha medieval. O seu troço mais interessante é, porém, o do ângulo Sul/nascente onde se conservam os cunhais de origem, de aparelho rusticado nos dois pisos inferiores e duplas pilastras tuscanas nos superiores. A austeridade marca esta construção dos séculos XVII e XVIII, a que faltam já as molduras em mármore das janelas de maior nobreza.

A este conjunto monástico foram adicionados, a partir de finais do século XVI e início do seguinte, diversos edifícios com funções de "aparato", fosse para o governo da Ordem e da Comendadoria, fosse para a recepção de convidados e a assistência aos enfermos. Assim, como já vimos, Filipe II terá encarregue Baltazar Álvares de erguer uma Hospedaria e um bloco de Enfermarias, edifícios que, situando-se no adro, revelam uma grande simplicidade: duas "caixas" rectangulares com três pisos, cantaria apenas nos cunhais e vergas das janelas que, no piso superior, possuem lintéis rectos; a única excepção vai para dois portais da Hospedaria, com molduras trabalhadas. Nos ângulos da cimalha os fogaréus constituem o único elemento decorativo.



Portal do Edifício do Prior-Mor



Pedra de Armas sobre o Portal

O outro edifício, mais complexo, foi erguido supostamente no séc. XVII para o Prior-Mor. De facto o aspecto que hoje apresenta, de caixa homogénea que, na fachada, apenas possui três portais no piso térreo e cinco janelas no superior - sendo as três centrais de sacada, todas com vergas rectas - é tributário de seiscentos (quanto à construção), de setecentos, no que toca ao portal principal (estando os outros entaipados) com lacrimais e sobrepujado pelas armas de D. João V, e a oitocentos (ou já aos primeiros anos do nosso século), que lhe acrescentou a balaustrada e urnas cerâmicas que o coroam. É, no entanto, no interior, numa grande sala abobadada (que recentemente serviu da sala de cinema e onde estão hoje, como no resto do edifício, os serviços da edilidade) que se põem duas hipóteses: ou a de estarmos de facto perante uma construção mais antiga, ou a de o actual edifício ter incluído esta sala, anterior. E isto devido, por um lado, à proporção clássica/renascentista do espaço mas, sobretudo, à presença de belas mísulas de canto, onde assentam os arcos que reforçam a abóbada, típicas do período de D. João III.

ESCULTURA: Papel relevante neste Convento vai para a escultura, de diversos períodos. Logo à entrada, no actual baptistério, deparamos com o sarcófago quatrocentista, em mármore de Estremoz, do último Mestre de Avis, Fernão Roiz de Sequeira, morto em 1433.



Batistério e Túmulo de Fernão Roiz de Sequeira

É um interessante monumento (com evidentes paralelos com outro da mesma época, o de Álvaro Gonçalves Pereira, Prior do Hospital, no Mosteiro de Santa Maria de Flor da Rosa, ao Crato), com uma tampa de caprichoso formato triangular. Ao fundo, embutida na parede, uma lápide com a cruz de Avis e as armas do Mestre - cinco vieiras e, em cercadura, quatro algemas: timbre, a roda de Santa Catarina, ou a roda da Fortuna - bem como a sua divisa: "Sequeira, Sequeira, Avis, Avis". Ao lado o extenso epitáfio. No transepto encontramos, numa edícula, o túmulo do Mestre Dom Fernando Roiz Monteiro, numa arca tumular sustentada por dois molossos e que D. Jorge de Lencastre mandara fazer na convicção de se tratar do primeiro Mestre da Ordem (que foi, de facto Fernão Eanes), justificando assim a inscrição:

Aqui jaz Dom Fernão Roiz Monteiro primeiro
Mestre que foi desta Ordem de Cavalaria Davis que
esta terra guanou aos mouros

É de mármore de Estremoz e foi colocada no local em 1609.



Arca Tumular de D. Fernando Roiz Monteiro

Outros túmulos espalham-se pelo chão do templo, com tampas brasonadas e epigrafadas, que vão de inícios do séc. XVI aos finais do XVIII. De entre elas, destaque-se a do Prior-Mor D. Jorge, filho do Duque de Coimbra, no altar-mor.

Na imaginária, o destaque vai para a excelente peça da padroeira, Nossa Senhora da Orada, em pedra policromada e dos finais do séc. XIV, de origem possivelmente borgonhesa e cuja tradição atribui a oferta ao Convento de Avis pelo Condestável Nuno Álvares Pereira. É uma peça de apreciáveis dimensões e grande qualidade escultórica, mais uma vez com paralelo numa Nossa Senhora das Neves, do mesmo período, existente em Flor da Rosa. Na capela de S. Pedro conserva-se, por seu turno, um excelente S. Brás, igualmente em pedra polícroma, de inícios do século XVI.



Nossa Senhora da Orada

A restante imaginária, dos séculos XVII e XVIII ou contemporânea, tem menos interesse exceptuando, naturalmente, o extraordinário conjunto barroco do altar-mor, formado por uma Nossa Senhora da Conceição em êxtase, ladeada por S. Bento e Santa Escolástica.



Santo Antão



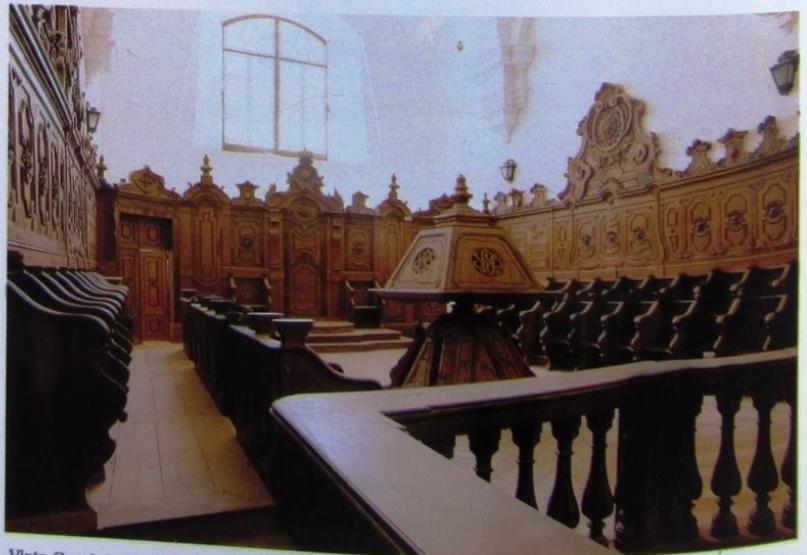
Conjunto de Imagens da Capela-Mor

JOALHARIA: Pertencente ao Convento (embora esteja hoje à guarda da Paróquia e, por isso, não acessível) é o conjunto, único entre nós, formado pela cruz de prata dourada, encomendada por D. Pedro II ao artífice João Travassos em 1693; um cálice de prata dourada também do século XVII; uma coroa grande de Nossa Senhora do princípio do Século XVIII; uma naveta de prata da época de D. Maria I e, sobretudo, o relicário do Condestável D. Pedro, executado em meados do século XV, obra maior da joalheria medieval portuguesa. É uma pequena arqueta de prata dourada constituída por tampa e caixa, tendo na frente as imagens de S. Bento e Santa Catarina, ladeando um medalhão radiante com a imagem da Senhora com o Menino, sobre um crescente. Sob este medalhão estão as armas do Condestável D. Pedro: o

escudo de Portugal com a cruz de Avis e o banco de pinchar, e a sua divisa: PAINE POUR JOIE. A tampa, modificada no séc. XVII, contém uma legenda sob um pórtico (que substituiu a cruz primitiva):

ESTA ARCA MANDOU FAZER O CLARO
E MUI NOBRE DON PEDRO REGEDOR DO
MESTRADO D'AVIS FILHO P.MOGENITO
DO INFANTE DON Pº DE CLARA MEMORIA
REGENTE QUE FOI NOVE ANOS DESTE
REINO E FOI FEITA PARA OS OSSOS DOS
BENAVENTURADOS PEDRO E PAULO
APPLOS E PERA OUTRAS RELIQUIAS
E PERA O LENHO DO SENHOR

MOBILIÁRIO: Particularmente digno de nota é o retábulo do altar-mor, em talha natural, datado de 1694. É uma peça de extraordinária concepção, com uma arquitetura onde se destacam os dois pares de colunas salomónicas, profusamente decoradas, assentando sobre mísulas onde, para além do habitual temário barroco de vegetação e querubins, nos surgem constantemente figurações de aves, numa evidente referência heráldica à Vila e Ordem. O conjunto é coroado por um escudo com as iniciais da Virgem.



Vista Geral do Cadeiral

No outro extremo do templo encontramos uma peça de não menor merecimento: um grande coro alto em madeiras de pau santo e espinheiro, obra maior do rocaille nacional, executada no reinado de D. Maria I. Ao centro conserva-se uma grande estante em pau santo, tendo a cadeira do Prior-Mor sido levada para o Museu de Arte Antiga, ainda no século passado. O órgão, junto a este coro, está praticamente destruído.



Aspecto da Sacristia

Últimas peças de relevo são os arcazes e um contador de madeira exótica existentes na Sacristia, albergando o primeiro uma edícula com um crucifixo, tudo obra do mesmo período tardo setecentista.

IMPLANTAÇÃO: Imponente, no canto sudeste da Vila, dominando-a e a toda a paisagem em redor.

CONSERVAÇÃO: Regular na parte da Igreja, Hospedaria e Enfermarias (à guarda da Misericórdia local), Casa do Capítulo, Refeitório e Casa do Prior-Mor (entregues à Câmara Municipal), má nos restantes locais, sendo péssima nas dependências e grande pátio Sul. Atingido pela expropriação dos bens das Ordens de 1834, o conjunto é hoje ocupado por diversas entidades, devendo-se somar às anteriores os Bombeiros Voluntários, vários serviços públicos e cerca de 30 particulares.

ACESSO: Fácil nas zonas dependentes da Câmara Municipal que, à excepção do edifício onde funcionam os seus serviços, estão diariamente abertos ao público. Difícil para a Igreja e Sacristia, e cargo da Paróquia. Livre nas zonas arruinadas, não condicionadas.

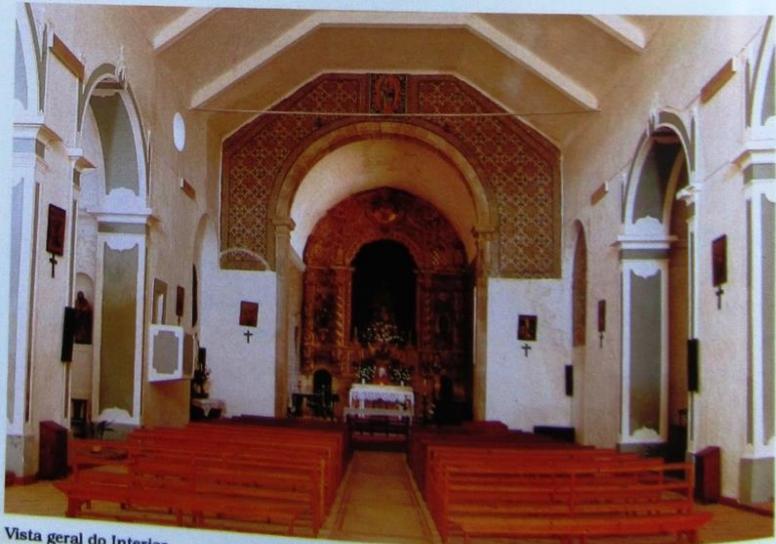
IGREJA MATRIZ



Fachada da Igreja Matriz

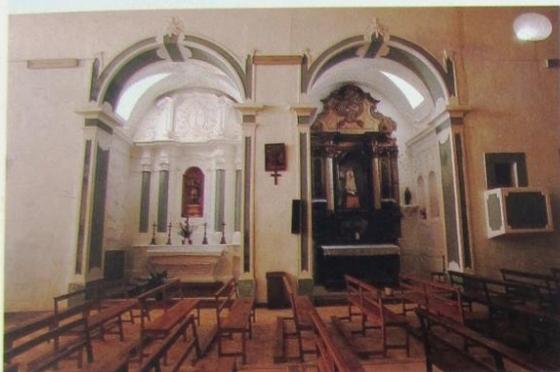
Tem por orago Nossa Senhora da Orada, assumindo hoje de novo a função de Matriz que, até meados do nosso século, fora confiada à igreja do Convento de S. Bento. Construída no século XV foi quase totalmente refeita no século XVII, com remodelações e restauros posteriores.

ARQUITECTURA: O edifício, embora simples, conserva uma aparência imponente, que lhe advém sobretudo das duas altas torres da fachada - decerto sobreviventes da traça primitiva. São, de resto, duas torres simples, de alvenaria, com cunhais fingidos e rematadas por cúpulas piramidais quadrangulares. Entre elas, uma pouco funda galilé sustentada por duas meias colunas dá acesso à entrada principal, cujo portal, de vergas rectas e grande singeleza, é encimado pelo escudo das armas reais portuguesas. Sobre a galilé eleva-se um grande frontão com uma janela rectangular, de moldura setecentista em mármore trabalhado, coroado por uma balaustrada tendo ao centro uma cruz de Avis, também em mármore.



Vista geral do Interior

O interior é de uma só nave com cobertura de madeira, com capela-mor, dois altares colaterais, cinco capelas e dois altares laterais, sendo as capelas - mor e laterais - abobadadas. As invocações são, respectivamente, do lado do Evangelho: S. Brás, Senhor do Calvário, capela dos Terceiros e a actual capela de Nossa Senhora de Fátima. Do lado da Epístola alinham-se as capelas de: S. Francisco, S. João, Nossa Senhora das Dores e Santo António.



Aspecto de duas Capelas Laterais



Altar em Talha da Capela-Mor

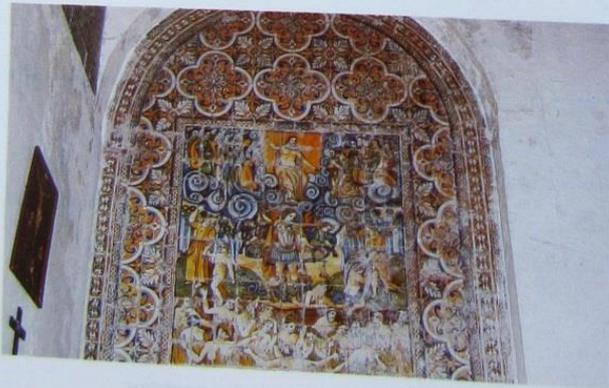
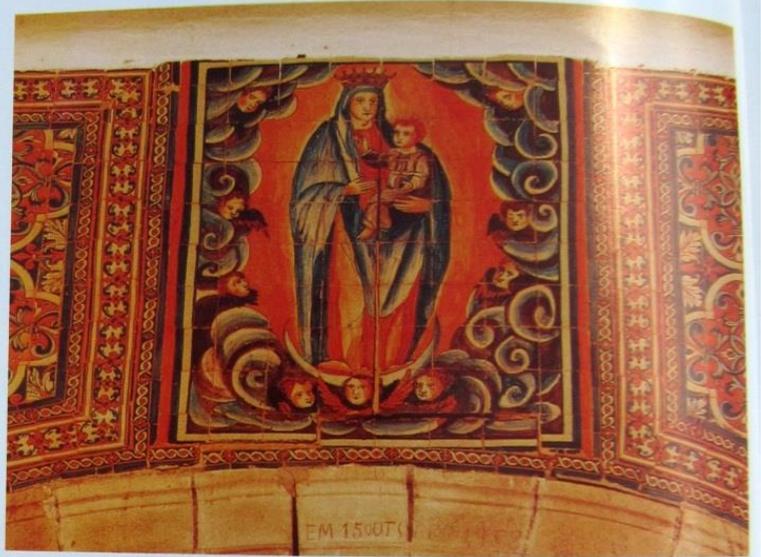
A capela-mor, dedicada a Nossa Senhora da Conceição, tem as paredes laterais cobertas de azulejo de padrão, tipo jóia e tapete, branco, azul e amarelo, do século XVII. Já do século seguinte é o altar de talha, que cobre a parede terminal, com duas colunas salomónicas encimadas por imagens, igualmente douradas, de S. Pedro e S. Paulo e, ao centro, uma caprichosa cartela com o cordeiro místico.

Última referência para as identificações dos dadores da actual capela de Nossa Senhora de Fátima, através de uma inscrição em azulejo que diz:

Fesce hesta caza com provizam de Sua
Magestade a custa da mesma confraria
sendo Thezoureiro o Dr. Joaquim da Costa e Cunha
ano 1760

não estando, naturalmente, identificada a citada confraria. A outra lápide, gravada no altar de S. Francisco, especifica:

Esta capela mãdou fazer A^o Roiz Mel
por provizam de Sua Magestade Ple Pera
si e seus administradores padres e erdeiros.
Era de 1621 anos.



É decerto uma peça de factura nacional onde a influência holandesa se faz, no entanto, sentir de forma bem clara.



Azulejos da Capela-Mor

IMPLANTAÇÃO: No centro da Vila, tendo um pequeno terreiro junto à fachada principal na antiga Praça Velha (hoje Miguel Bombarda) e um agradável jardim no lado Sul. Extremamente interessante é o conjunto que forma com o Pelourinho, situado nesse mesmo jardim, um Passo de procissão e algumas construções adossadas à cabeceira, formando um jogo de volumes a que o branco e as pregas da cal conferem uma notável plasticidade. Para além do mais, estando situada na parte mais alta da Vila, as suas torres são visíveis de praticamente qualquer local, projectando-se na paisagem e ajudando a desenhar o perfil urbano e monumental de Avis.

CONSERVAÇÃO: Medíocre, facto especialmente comprovável no interior, seja na estrutura como no espólio.

ACESSO: Difícil, dependente da Paróquia, já que o templo se encontra normalmente encerrado.

PELOURINHO



Aspecto geral do Pelourinho

Peça extremamente interessante - mesma única entre nós - o Pelourinho de Avis sofreu diversas intervenções facilmente verificáveis pela difícil concordância dos seus elementos que, apesar disso, compõem um conjunto de rara beleza. Classificado como Monumento Nacional.

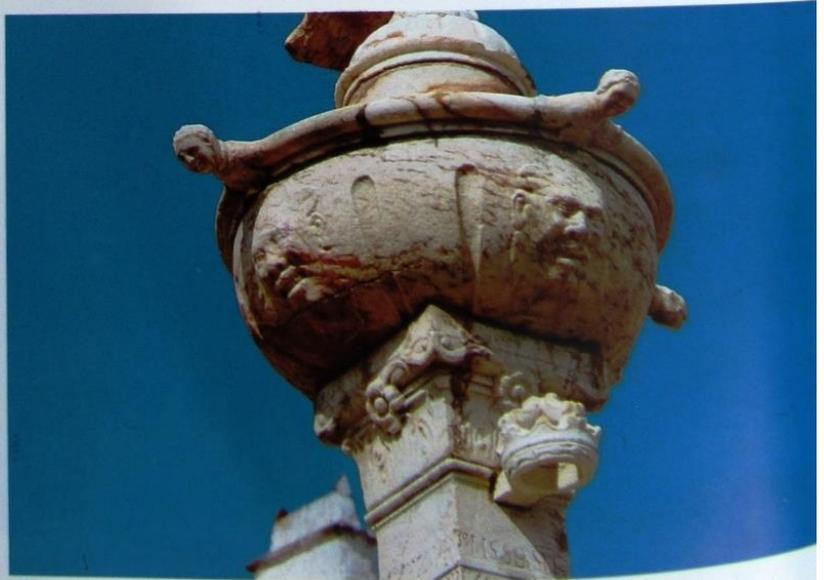
ARQUITECTURA: Compõe-se de uma coluna quadrangular de mármore, assente sobre uma pequena base e rematada por um capitel com folhas de acanto, nos ângulos, e florões nas faces, sobre o qual assenta uma urna semi-esférica com quatro carrancas/mascarões e quatro gárgulas, sendo duas com decoração antropomórfica e as outras zoomórfica. O conjunto é coroado pela ave simbólica do concelho - "avis" - a águia de asas abertas.

A inscrição que corre nas quatro faces, na base do capitel, é só parcialmente legível devido ao escudo que lhe foi acrescentado na face Sul, que dá para a Vila, provavelmente no período de D. João V - como a coroa que o encima. Apesar disso, é evidente a referência a vários nomes e, sobretudo, a data de 1559, que situa a erecção do monumento - perfeitamente de acordo com os elementos decorativos encontrados (urna, mascarões, capitel) - sendo a urna análoga à da quinhentista Fonte das Portas de Moura, em Évora, obra (e cidade) cuja influência não será estranha a este singular pelourinho.

IMPLANTAÇÃO: No jardim junto à Igreja Matriz, dominando a Vila.

CONSERVAÇÃO: Boa, sem problemas estruturais evidentes.

ACESSO: Livre e fácil, tendo mesmo uma escadaria que, de baixo valoriza o percurso ascensional.



Pormenor do Coroamento

CAPELA DA MISERICÓRDIA



Conjunto da Misericórdia

A antiga Misericórdia de Avis, situada um pouco abaixo da Matriz, vale sobretudo pelo conjunto formado pela Capela, balcão (do edifício onde se reunia a irmandade) e enfermaria, tudo obra do século XVIII.

ARQUITECTURA: Embora o carácter geral do conjunto seja efectivamente setecentista, há indícios materiais de que a sua fundação seria anterior, pelo menos do século XVI. Tal facto não causaria qualquer perplexidade se pensarmos que não só esse foi um período de generalizada expansão deste movimento assistencial, como tal expansão conheceu significativo incremento nesta região, nomeadamente nas vizinhas vilas de Fronteira e Cabeço de Vide, ambas com Misericórdias ostentando importantes intervenções quinhentistas, sendo igualmente ambas Comendas e Padroado da Ordem de Avis. No caso do edifício de que nos ocupamos, deve ser notado que, sob o balcão, existe uma passagem que permite o acesso à rua de baixo, passagem essa com uma abóbada plana sustentada por nervuras,

claramente quinhentista. De resto, o escudo de armas que sobrepuja este mesmo balcão, coroado, é ainda do século XVII, do reinado de D. João IV



Pormenor da Guarnição da Escadaria

Globalmente, porém, o conjunto que hoje se nos oferece revela uma interessante articulação dos seus componentes, com o balcão e a casa da irmandade em frente, ostentando sobre o portal - enquadrando as arcos das escadas - um curioso frontão em massa, trabalho do século XVIII; não menos interessante é ainda a guarnição em cantaria da escada que dá acesso à entrada, assente no largo arco de passagem referido. Do lado direito do edifício baixo e corrido apenas mantém, da enfermaria original, um desenho em alvenaria do portal, de tímpano fechado, encimado por um frontão rematado pela cruz. Em frente, do lado esquerdo, fica a peça principal do conjunto, a capela.



Aspecto da Igreja

Vista de perfil, destaca-se a pequena sineira lateral e o frontão onde, como nos restantes componentes, o contraste cromático conseguido - branco dominante com detalhes sublinhados num cinzento azulado tradicional - contribui sobremaneira para a animação da fachada, muito pobre, com um portal em cantaria de frontão recto, tendo acima uma simples janela rectangular. No frontão, a data de 1839 será decerto referência às últimas obras efectuadas.

O interior é de uma simplicidade extrema, apenas sendo relevante o altar em mármore de Estremoz, tendo esculpidas as armas de Portugal.

ESCULTURA: Numa maquineta ao centro do altar conserva-se uma excelente imagem em madeira, do século XVIII, representando Nossa Senhora dos Remédios.

PINTURA: Outra peça digna de realce é a tela maneirista de finais do primeiro quartel do Século XVII, representando a Visitação de Nossa Senhora a Santa Isabel, obra atribuída ao pintor Diogo Vogado.

IMPLANTAÇÃO: Numa rua que desce para a matriz, estabelecendo -
24 através do arco inferior - contacto com a última rua dentro de muros.

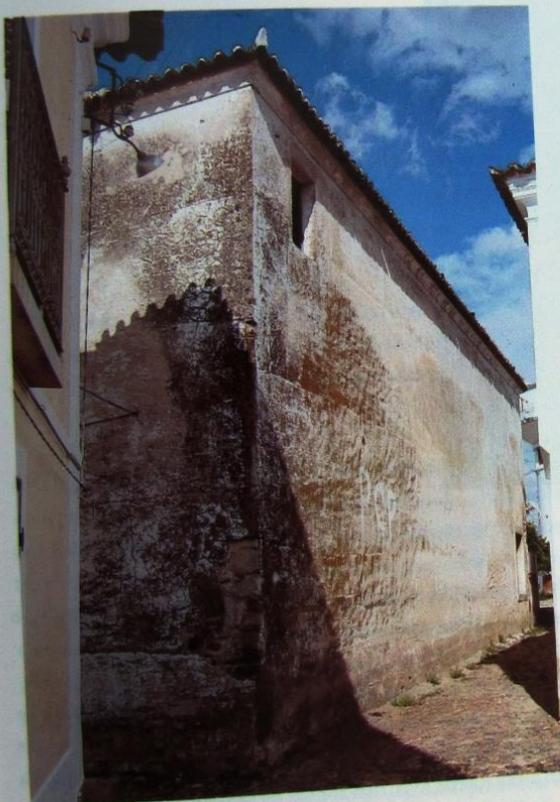
Excelente efeito cenográfico, para quem desce, com o conjunto distribuído em volta do elegante edifício do arco e balcão.

CONSERVAÇÃO: Irregular: exteriormente razoável, interiormente a necessitar de cuidados urgentes.

VISITA: Difícil, acessível por pedido expresso junto da Misericórdia (Capela e balcão) ou dos actuais moradores (antigas enfermarias, virtualmente desprovidas de interesse).

ANTIGOS PAÇOS DO CONCELHO

Para além do Palácio do Prior-Mor, onde hoje se encontra a Câmara Municipal, dois outros edifícios terão servido antes para idêntico fim, sendo hoje construções de limitado interesse artístico mas dignas de registo histórico. O primeiro terá servido na Idade Média, até ao século XVII; o segundo terá sido utilizado desde esta altura até à extinção das ordens religiosas, em 1834, com a consequente alienação dos seus bens, tendo-se então verificado a mudança definitiva.



Paços do Concelho Medievais

PAÇOS DO CONCELHO MEDIEVAIS: É um pequeno edifício rectangular, com a altura de dois pisos, situado do lado Norte da Igreja Matriz e separado desta apenas por uma estreita rua. Tem a particularidade de apenas possuir umas pequenas janelas no piso superior, sendo o inferior rasgado apenas pela estreita porta da fachada. Não possui qualquer interesse

artístico e encontra-se em avançado estado de ruína, sem telhado já há largos anos.

PAÇOS DO CONCELHO SEISCENTISTAS: Apresentam o tipo da casa nobre do século XVII, embora totalmente modernizada e, por isso, desprovida da maioria dos seus atributos decorativos. Da primitiva construção conserva apenas, ao nível do piso nobre, uma lápide de mármore com as antigas armas da Vila de Avis: uma águia tendo sobreposto o escudo das armas portuguesas coroadas. Das funções que desempenhou após a transferência da edilidade, destaque-se apenas a de prisão concelhia, num anexo que conserva duas janelas com grossas grades de ferro forjado. Tem ainda duas lápides com as seguintes legendas (respectivamente no exterior e interior do edifício):

Esta obra se f
es sedo ouvidor F
rc. Ferreira Dre
e ivis de Fora
rã Teixr^a de Moraes
quella assistirá
por ordem de El rei
Anno 1674

Reinando D. João VI
mandarão fazer esta obra
o corregedor da comarca
Manoel Ferreira Tavares
Salvador
e o Juiz de Fora
ozé António de Miranda
An. 1818

CASAS NOBRES

Não são muitas as casas nobres que se conservam em Avis, e mesmo estas raramente ostentam os atributos dessa mesma nobreza. De facto, apenas se conservam duas pedras brasonadas na Vila, tendo uma delas sido voluntariamente mutilada, não permitindo a leitura das armas da família que caiu, decerto, em desgraça. Mas das habitações que se mantêm, destaquemos as três seguintes:



Pedra de Armas

CASA BRASONADA: Na realidade apenas um portão, já que a casa foi totalmente adulterada. Trata-se de uma porta brasonada do século XVIII, situada no nº 8 da Rua António José de Almeida. O frontão, ladeado por duas pequenas pirâmides, tem no espaldar um medalhão de mármore, encimado por um elmo, com um escudo bipartido: no primeiro lado seis quadernas com a diferença de uma árvore; no segundo as armas dos Melos, família poderosa na região. Timbre, um dragão alado.

É uma bela peça, em bom estado de conservação, tendo sobrevivido a uma recente tentativa de remoção.

CASA NOBRE: Antiga casa do século XVII, reconstruída, que conserva duas elegantes sacadas de ferro forjado. Fica situada no lado Norte da Rua Dr. Manuel de Arriaga, pouco antes da Porta do Anjo. As grades de duas das janelas do andar nobre são particularmente interessantes: trabalhadas em

ferro, forjado e torcido, ostentam no centro o emblema da Ordem de Avis e são rematadas, nas extremidades, por florões.

CASA ANTIGA: Na mesma rua Dr. Manuel Arriaga, mas do lado Sul e um pouco antes da anterior, encontramos uma outra casa, igualmente de dois pisos e razoáveis dimensões, com acesso também por uma pequena travessa que desce para a Rua de Avis. Esta entrada secundária, que acede a um pátio interior, é decorada por um curioso mascarão em estuque, trabalho tradicional no Sul do país desde meados de setecentos. De facto, a fachada do edifício ostenta pilastras estriadas, capitéis e guarnições das janelas do mesmo material, contrastando a pintura em amarelo vivo com o branco das paredes. É cronologicamente situável nos finais do século XVIII ou primórdios do seguinte.

ARQUITECTURA CONTEMPORÂNEA

PADRÃO DA PONTE

Não são muitos os motivos de interesse deste período em Avis. Resumem-se, de facto, a dois edifícios oitocentistas e um da década passada, de recente conclusão.

ARQUITECTURA DO SÉCULO XIX: Duas casas junto ao Convento monopolizam a atenção. A primeira, logo acima do actual edifício da autarquia, é uma vivenda enquadrável na classificação de "casa do brasileiro", com telhados de remates trabalhados, pináculos e estatuária de inspiração clássica e gosto duvidoso. Curioso ainda o pombal em forma de torre da muralha, em cima da qual assenta. Quanto ao outro edifício, praticamente fronteiro a este, tem como maior motivo de interesse as duas portas em madeira trabalhada, com motivos que imitam os do renascimento.

ARQUITECTURA DO SÉCULO XX: Com projecto de Hestnes Ferreira, concluído em, 1991, construiu-se a nova dependência da Caixa Geral de Depósitos, único edifício resolutamente moderno da vila. Como é habitual nos projectos do arquitecto, a obra joga com a ambiguidade entre interior e exterior, conseguida pela construção de uma parede/ecrã em tijolo à vista, parcialmente estrutural e parcialmente solta. Situado na esquina da rua que sobe para a Porta do Arco, consegue uma integração perfeita na malha urbana. Foi-lhe atribuída o Prémio Construção, Técnica, Detalhe, da Associação dos Arquitectos Portugueses, em 1993.

PADRÃO DA PONTE

Obelisco mandado erigir pela Câmara de Avis quando da construção da ponte de seis arcos sobre a Ribeira de Avis, obra mandada fazer por D. João VI em 1818 e hoje submersa pela albufeira da Barragem do Maranhão.

ARQUITECTURA: Trata-se de um pequeno monumento quadrangular constituído por três partes, rematado por uma pirâmide hexagonal. Num das faces está colocada uma lápide com uma inscrição alusiva ao acontecimento.



Ponte da Ribeira de Avis (geralmente submersa)

IMPLANTAÇÃO: Junto à estrada que vai de Avis a Alter do Chão, na bifurcação para Ponte de Sôr, a cerca de um quilómetro da Vila.

CONSERVAÇÃO: Regular.

28 **ACESSO:** Fácil.

PASSOS DE PROCISSÃO

Também na Vila de Avis, como um pouco por todo o Distrito, se espalharam os Passos de Procissão, constituindo pequenos testemunhos arquitectónicos de outras tantas estações da Procissão do Senhor dos Passos. Sendo uma tradição que remonta à implantação das práticas da Contra-reforma (com Passos ainda de finais de quinhentos no Crato, por exemplo), assumiria em Avis aspectos de grande simplicidade e (como em Campo Maior) francamente tardios, já do século XVIII. Ao contrário das outras Vilas citadas, onde a tradição se mantém bem viva, aqui os Passos encontram-se geralmente em mau estado de conservação, tendo sido vários destruídos.

ARQUITECTURA: O tratamento arquitectónico destas pequenas capelas é diferenciado, conforme a importância do "passo" e a zona onde foi implantado, mas basicamente obedecem todas ao mesmo modelo global, sendo construções em alvenaria, em volume ou embutidas nas habitações, com portadas de madeira e um pequeno altar no interior. Porém, se alguns de ruas secundárias se limitam à definição dos capitéis dos portais sobrepujados por um frontão com volutas, outros assumem um carácter mais ambicioso, caso do passo da Torre de S. Roque, com heráldica religiosa no frontão.



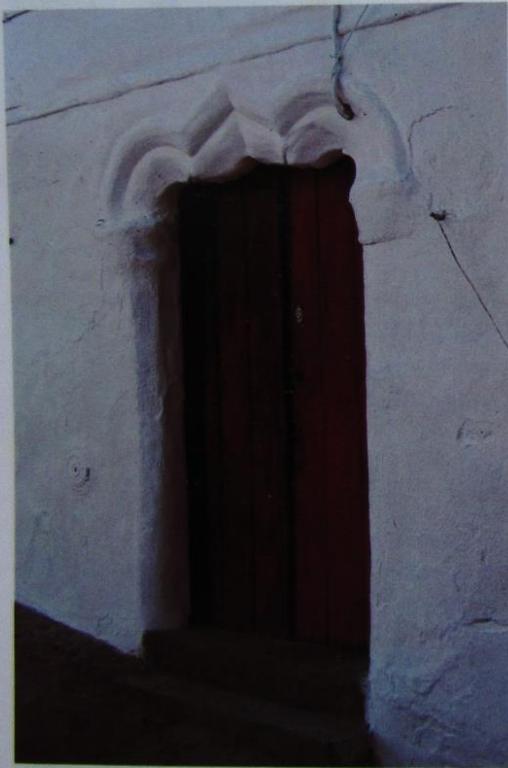
Passo de Procissão da Matriz

No extremo superior está o passo da Matriz onde (para além da maior riqueza do interior) o volume exterior é mais claramente afirmado, sendo o coroamento enquadrado por duas urnas e, no frontão de volutas e rebuscado recorte, um medalhão evoca a divindade (SPQR); no cimo, uma cruz em mármore remata o conjunto. Seria, como é habitual, o passo de maior importância, onde se daria o encontro dos cortejos e o conseqüente sermão.

Quanto aos interiores, com altares e decoração de um barroquismo muito simples e popular, são executados em alvenaria pintada, havendo a assinalar a destruição recente do da Torre de S. Roque para através dele se fazer o acesso à mesma e à muralha.

VALORES URBANOS

A Vila de Avis teve, como foi já referido, uma fundação medieval, com importantes intervenções no período quinhentista. Sendo uma urbe murada, possuiu desde muito cedo um arrabalde fora de muralhas, a Norte, onde se instalou a judiaria. Desses testemunhos, parcialmente destruídos, se dá notícia.



Portal Manuelino de Casa Tradicional

CASAS POPULARES: É ainda hoje possível encontrar diversos testemunhos das habitações populares medievais, por entre as ruas herdadas do mesmo período, como por exemplo em duas habitações contíguas ao conjunto da Misericórdia, que conservam no seu interior arcos ogivais.

Mais interessantes e bem conservados são, porém, os exemplares quinhentistas, manuelinos, sendo dignas de referência uma casa no largo da Matriz, com a sua bela janela de arco conopial, e outra do arrabalde, que conserva o belo portal de verga manuelina.



Rua do Arrabalde

ARRABALDE: Conjunto de três ruas paralelas situadas a Norte da povoação, fora de Muralhas, acessíveis pela porta que existiu junto à Torre de S. Roque. Af se acantonariam todos os que, da Idade Média ao século XVI, não eram bem tolerados dentro de portas, casos dos judeus, almocreves e outra gente "de fora".

FREGUESIA DE ERVEDAL

IGREJA PAROQUIAL DO ERVEDAL



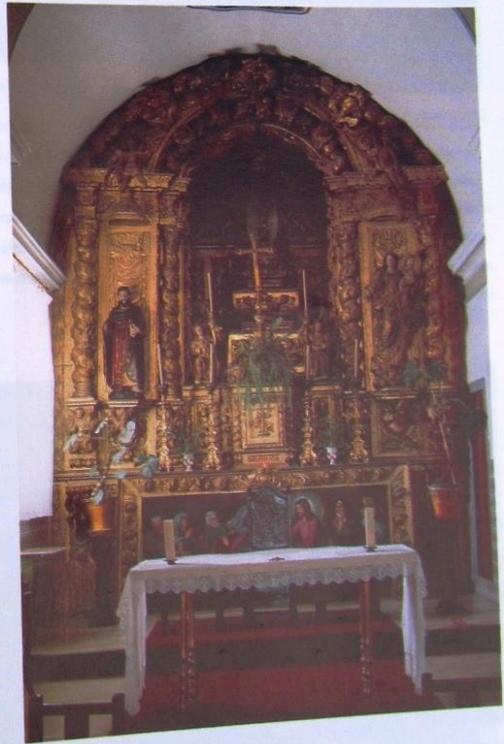
Igreja Paroquial de Ervedal

Distando cerca de 7 Km de Avis, na estrada que, seguindo para Leste, liga a Fronteira e Monforte, foi um antigo priorado da Ordem de Avis. A Igreja Paroquial, que tem por orago S. Barnabé, foi edificada no séc. XVI mas muito modificada posteriormente, sobretudo nos séculos XVII e XVIII.

ARQUITECTURA: Exteriormente é um templo muito simples, com um portal e janelão de grande simplicidade na fachada, ladeada por uma torre sineira quadrangular, de quatro olhais e pináculo piramidal, com quatro fogarêus no coroamento. No lado desimpedido, que dá para Sul, são ainda visíveis dois contrafortes que, tal como a estrutura da torre, constituem testemunhos do período da fundação. O maior interesse da fachada reside, porém, no curioso frontão barroco, de perfil recortado e volutas nos cantos, onde o trabalho em massa introduz alguma riqueza decorativa, sublinhada

pelos contrastes cromáticos com o fundo branco: um programa muito simples, com uma cruz de Avis ao centro, dentro de um medalhão rematado por caprichosas volutas.

O interior prolonga a simplicidade exterior, com uma só nave com capela-mor e quatro altares laterais, sendo dois da traça primitiva, embutidos nas paredes sob arcos de volta perfeita.



Altar-Mor da Igreja

MOBILIÁRIO: Peça capital da decoração do templo é o retábulo em talha dourada da capela-mor, excelente peça do estilo nacional do século XVII, com pormenores de grande qualidade; como exemplo refiram-se os querubins-atlantes policromos que sustentam as colunas salomónicas laterais.



Querubins e atlantes da Talha do Altar-Mor

Do Convento de S. Bento de Castris vieram uma série de peças (para aqui transferidas pela Arquidiocese de Évora quando da alienação dos bens das ordens monásticas), de que se conservam apenas dois altares em madeira marmoreada, com talha dourada setecentista, que se encontram dos dois lados da nave.



Cimalha de Altar Lateral

Igualmente do séc. XVIII são, finalmente, as molduras em talha dourada das duas capela embutidas, bem como o baldaquino do arco triunfal.



Imagem Barroca do Templo

ESCULTURA: Sem dúvida o género artístico mais em evidência neste templo, que possui uma notável colecção de imaginária. A peça mais antiga é um S. Sebastião policromado, em pedra, do séc. XV.



São Barnabé



Nossa Senhora da Conceição

O retábulo do altar-mor alberga, por seu turno, um S. Paulo e uma Nossa Senhora da Conceição, ambos do século XVII, como são uma outra imagem de S. Bento e uma notável Senhora da Piedade (ou "Pietà"), com o Cristo morto nos braços, peça em barro estofado e pintado. De setecentos são uma Nossa Senhora da Assunção, um Santo António e, sobretudo, a excepcional imagem barroca do orago, S. Barnabé.



São Sebastião



Santo António



Nossa Senhora da Piedade

ZULEJO: Destaque para o revestimento de toda a Igreja, capela-mor cluída, por um tapete de azulejo seiscentista do tipo padrão de tapete.

INTURA: Apesar dos altares laterais da traça primitiva apresentarem pinturas setecentistas - Aparição da Virgem com o Menino a S. Francisco e . Miguel Pesando as Almas - é sobretudo a representação de S. Bento, no octo da capela-mor, que é digna de menção: de báculo, mitra e hábito branco com a cruz de Aviz, será ainda obra do século XVII.



Nossa Senhora da Assunção

IMPLANTAÇÃO: Num largo no lado ocidental da povoação, sendo difícilmente perceptível da estrada próxima.

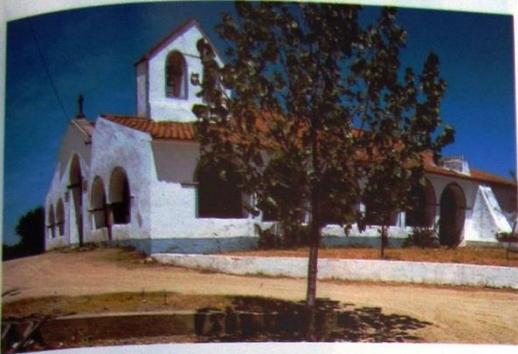
CONSERVAÇÃO: Regular, sendo melhor no exterior - com manutenção e repintura regulares - do que no interior, onde algumas peças necessitariam de alguns cuidados de restauro.

ACESSO: Algo difícil, sendo necessário encontrar a "vizinha" que possui as chaves, cuja casa se encontra nas imediações.

FREGUESIA DE BENAVIDA

BENAVIDA

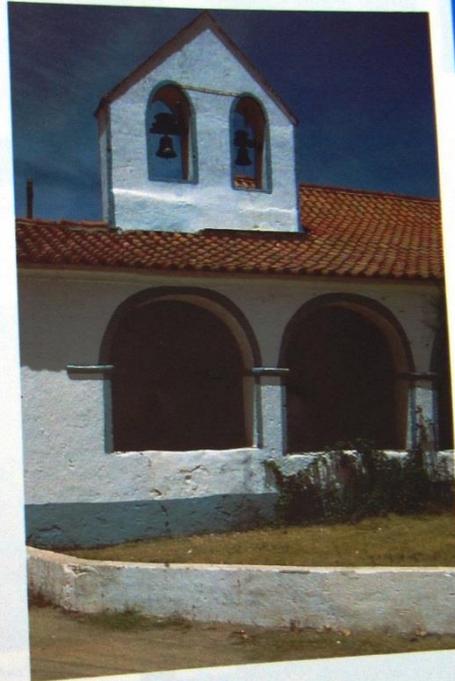
CAPELA DE NOSSA SENHORA DE ENTRE-ÁGUAS



Igreja de Nª Srª de Entre-Águas

Edificada na confluência das ribeiras de Seda e de Sarrazola, situa-se no extremo Norte de Benavila, distante cerca de 7 Km de Avis, na estrada que, seguindo para Norte, leva a Alter do Chão. Segundo a tradição, naquele local terá existido uma Igreja de cerca de 370, facto a que um cipo romano encastrado no templo dará consistência. Mais provável, porém, é que estejamos em presença da cristianização de um rito pagão, romano ou indígena, que encontraria na adoração das águas (raras no Alentejo) a sua motivação. Significativo é a existência, ainda hoje, de um regular movimento de romaria para esta capela.

ARQUITECTURA: O edifício, simples mas muito original, é do século XV, facto que a sincira dupla gótica imediatamente denuncia.

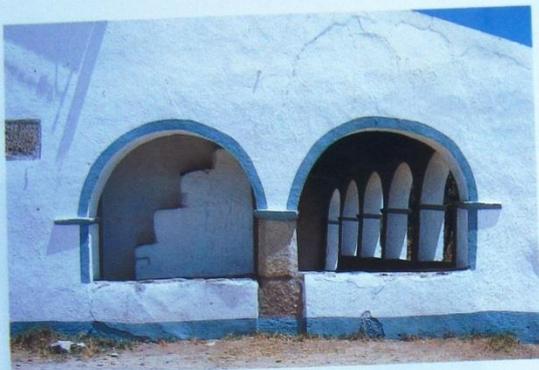


Sineira de dois vãos, medieval

É parcialmente rodeado por um largo alpendre (adequado ao referido movimento de romaria) que envolve as fachadas principal e lateral Sul, sendo aberto numa série de arcos de volta perfeita assentes sobre pilares quadrangulares. O maior destes, aberto até ao solo, dá acesso axial à porta principal, de grande singeleza, à direita da qual se faz o acesso à sineira por uma série de degraus onde, como em todo o edifício, o dinamismo plástico se faz pelo contraste do branco base e das faixas e pormenores - como o sublinhar da curvatura dos arcos - em azul. Uma inscrição na fachada

principal, à direita do arco de acesso, refere-se a obras em finais de seiscentos:

Esta obra mandou fazer o R do Pe Joam Fortio a/custa da S R^a he e devotos no anno de 1696.

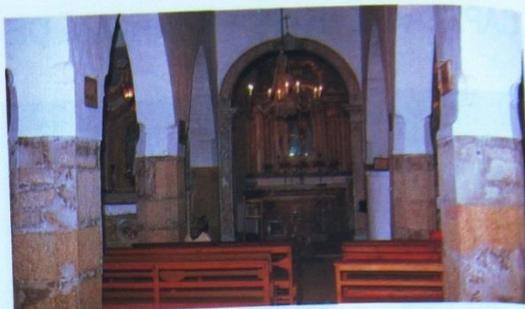


Aspecto do Alpendre



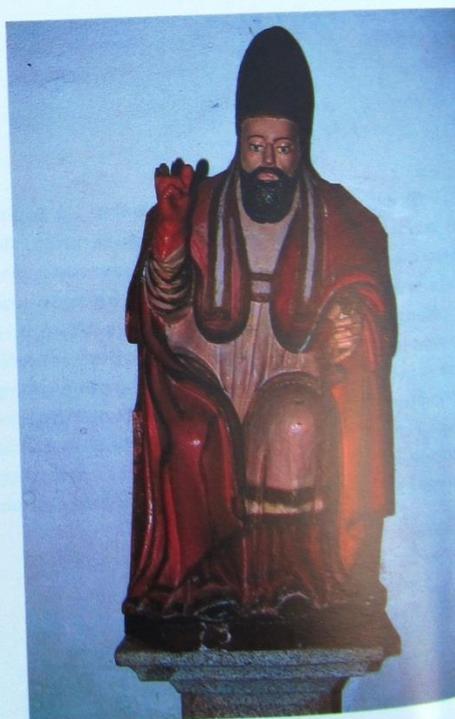
Escada de acesso à Sineira

Interiormente o templo apresenta-nos três naves, com três tramos e um falso transepto, sendo os primeiros divididos por arcos ogivais e o último por arcos de volta perfeita, todos chanfrados e típicos do período. A simplicidade acentua-se no arco triunfal que abre para a capela-mor, com altares de alvenaria sem interesse.



Interior da Igreja, de Três Naves

ESCULTURA: Apenas são dignas de referência uma imagem de S. Pedro, entronizado, de começos do séc. XVII, e duas pias de água benta: uma, contemporânea da construção, situa-se à direita da entrada, encastrada na primeira coluna, tendo no centro uma dupla carranca e, num dos lados, dois castelos ladeando um escudo com as cinco quinas; a outra, de forma



S. Pedro, entronizado

hexagonal, encontra-se também à direita da porta, sendo feita (como a primeira) em mármore e datável do século XVI.



Pia de Água Benta decorada



Outro detalhe da mesma Pia

PINTURA: Referência para uma tábuá maneirista, de finais do século XVI e de escola eborense, existente na Sacristia e representando Cristo em Glória.



Pormento antropomórfico da decoração



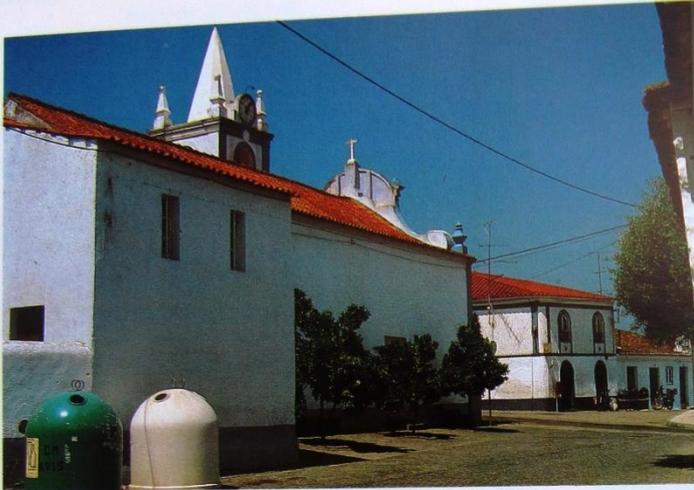
"Ex-Voto" oitocentista popular, na Nave

IMPLANTAÇÃO: De excelente efeito, numa pequena elevação isolada junto às águas da albufeira do Maranhão.

CONSERVAÇÃO: Regular, com caiagens frequentes mas necessitando trabalhos de restauro e consolidação no interior.

ACESSO: Junto à estrada e isolada, a entrada no templo é difícil, já que a chave se encontra à guarda de uma anciã que habita junto à igreja paroquial da Vila.

IGREJA PAROQUIAL DE BENAVIDA



Igreja Paroquial de Benavila

Situada no centro da povoação, 7 Km a Norte de Avis, tem por orago S. Sebastião. A Vila teve Foral outorgado por D. Dinis e foi Priorado da Ordem de Avis.

ARQUITECTURA: Templo de grande simplicidade, foi construído no século XVII, período de que data o essencial da sua estrutura, de uma só nave, bem como a torre sineira quadrada, com quatro olhais e cunhais rematados por pináculos; é coberta por um coruchéu piramidal. A fachada principal, muito simples, foi renovada no século XVIII: conservou-se o portal de vergas rectas, em cantaria, e acrescentou-se um frontão recortado - à maneira de um espaldar - desenvolvendo-se a partir de duas volutas laterais e acabando num corpo central de remate redondo. No centro, uma cartela em alvenaria anima decorativamente o conjunto.

ESCULTURA: A única peça verdadeiramente de interesse artístico neste templo é uma imagem de madeira, policromada, datável do século XVII e representando S. Saturnino. Encontra-se na Capela-Mor.

IMPLANTAÇÃO: Em meio urbano, num largo no centro da Vila que permite boa perspectiva das fachadas principal e lateral norte.

42 **CONSERVAÇÃO:** Regular, não inspirando particulares preocupações.



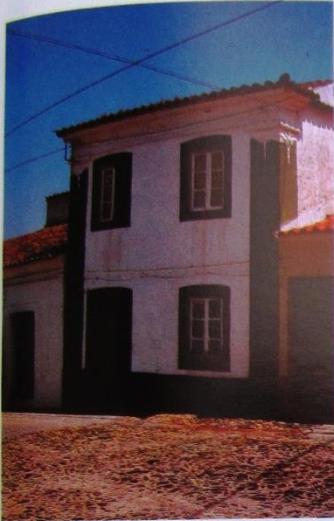
Fachada da Igreja



São Saturnino

ACESSO: Relativamente fácil, já que se encontra geralmente aberta, encontrando-se a chave à guarda de uma anciã próxima.

VALORES URBANOS DE BENAVIDA



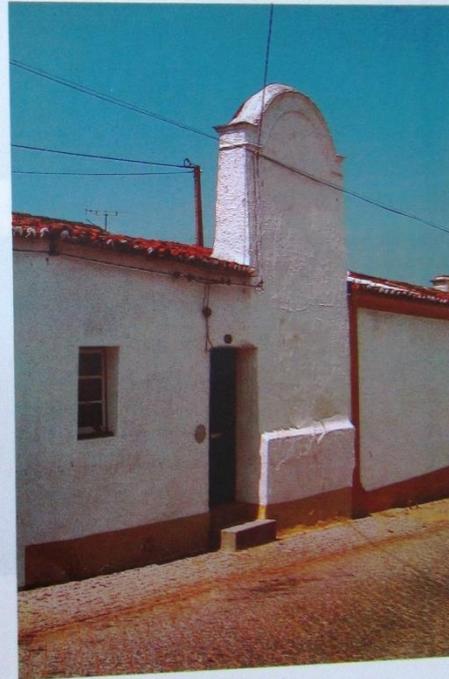
Casa setecentista de dois pisos

CASAS SETECENTISTAS: Várias casas de dois pisos, na sua maioria com cunhais decorados com capitéis em alvenaria, à maneira dos finais do século XVIII, explorando o contraste cromático e da relação luz/sombra, devido ao relevo das peças. Algumas destas casas conservam janelas de arco



Outra casa setecentista, com janelas de sacada

abatido, denunciando uma fundação talvez ainda seiscentista, e terão pertencido a dignatários da Ordem de Avis ou à pequena nobreza local, transitando em seguida para as mãos de abastados terranentes e, sucessivamente, para outros proprietários menos abastados. São comuns as janelas de sacada no piso nobre.



Casa tradicional, com a grande chaminé

CASAS TRADICIONAIS: Geralmente de um só piso, só com uma janela na fachada e outra na porta - ou só mesmo a da porta - derivam da tradição medieval e são constituídas por uma repartição de espaços frente/traseira, com uma divisão de entrada que é cozinha e sala, seguida da (ou das) alcova(s) e/ou outra divisão utilitária, muitas vezes, sem iluminação própria; sob o telhado fica o forro, de madeira, onde se guardavam os

produtos agrícolas.

O grande destaque exterior vai para as grandes chaminés - fogão e lareira, onde literalmente se vive dentro, no rigoroso inverno alentejano - muitas vezes avançadas e de grandes dimensões, com remates de excelente efeito plástico.



Monte Branco, a caminho de Valongo



Carreiro do Monte

FREGUESIA DE FIGUEIRA E BARROS

FIGUEIRA E BARROS

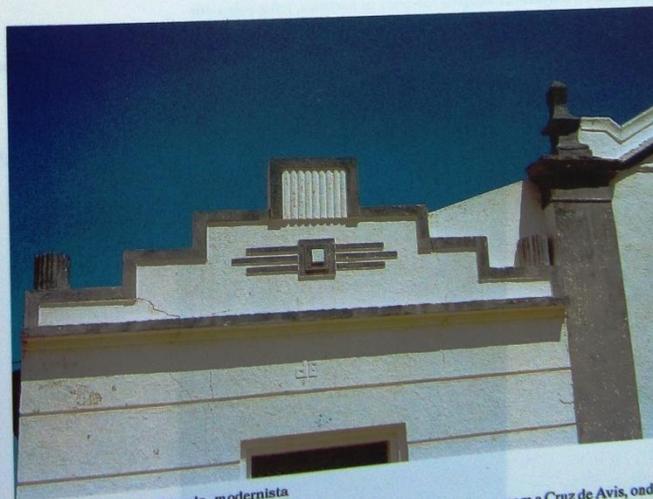
IGREJA PAROQUIAL DE FIGUEIRA E BARROS



Vista geral da Igreja

A Vila foi anteriormente conhecida como Vila de Figueira, tendo sido Priorado e Comenda da Ordem de Avis. D. Manuel I deu-lhe Foral novo em 1 de Outubro de 1510. Da fundação primitiva, num morro do lado nascente da actual povoação, que se desenvolveu de forma reticular na planura abaixo, resta a Igreja Paroquial, tendo por orago S. Brás, e um pequeno conjunto de casas antigas, sem interesse artístico e por vezes em mau estado de conservação. Situa-se a cerca de 12 Km a Leste de Avis.

ARQUITECTURA: Simples mas de alguma dignidade monumental, situa-se num adro desafogado no cimo da povoação, tendo uma fachada simples com um portal seiscentista de vergas rectas em mármore, com um remate por frontão triangular. Ladeiam a fachada uma torre quadrada de quatro olhais, rematada por urnas e um coruchéu cónico e, no lado oposto, um interessante anexo contemporâneo, com um remate superior claramente modernista, sendo obra do segundo quartel deste século.



Remate do Anexo do Templo, modernista

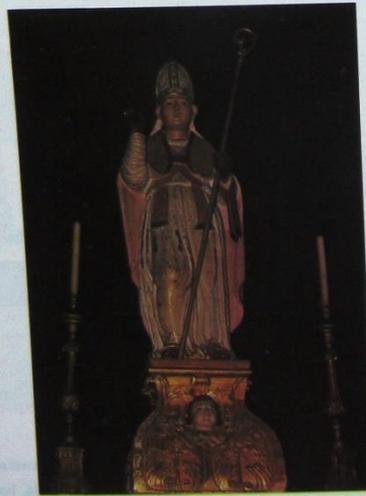
Ostenta, no centro do frontão, uma pedra de armas com a Cruz de Avis, onde está inscrita a data de consagração do templo: 1746. Foi depois restaurado em 1812, facto que é particularmente evidente no interior, de uma só nave, que perdeu o essencial do seu interesse artístico.



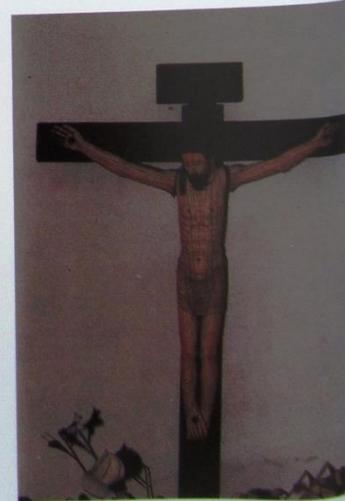
Cruz da Ordem de Avis

ESCULTURA: No Altar-Mor está a imagem do orago, S. Brás, assente sobre uma pianha de madeira dourada com uma cabeça de querubim; é uma imagem de madeira policromada, do século XVII, em que o Santo, é representado com os seus atributos cardinalícios: mitra, báculo e vestes. Bem mais interessante é o conjunto de imagens existente na Sacristia, todas seiscentis-

tas, onde se destaca um Cristo Crucificado em mármore, uma Nossa Senhora do Rosário (já imbuída de alguma expressividade barroca) e uma Virgem com o Menino, mais hierática, imagens de madeira conservando a policromia original, de grande qualidade.



São Brás



Cristo Crucificado



Nossa Senhora do Rosário



Virgem com o Menino

IMPLANTAÇÃO: Priviligiada, na parte alta da povoação e sendo antecedida por um grande adro; completamente desafogada de construções próximas.

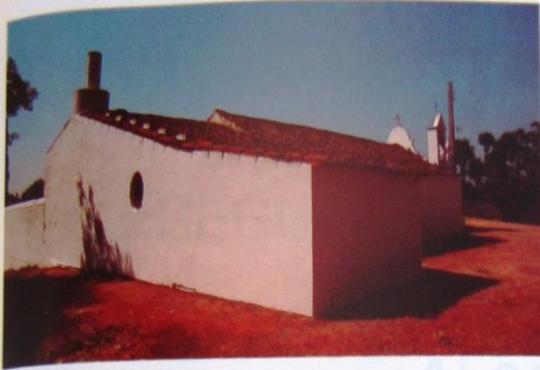
CONSERVAÇÃO: Regular no exterior, carecendo de intervenção no interior.

ACESSO: Irregular, dependendo da abertura da igreja, em períodos variáveis.

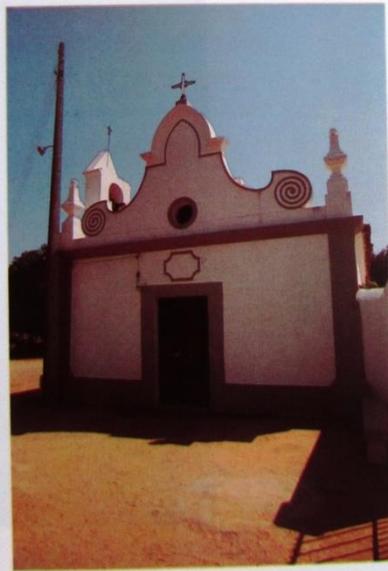
FREGUESIA DE VALONGO

VALONGO

IGREJA PAROQUIAL DE VALONGO

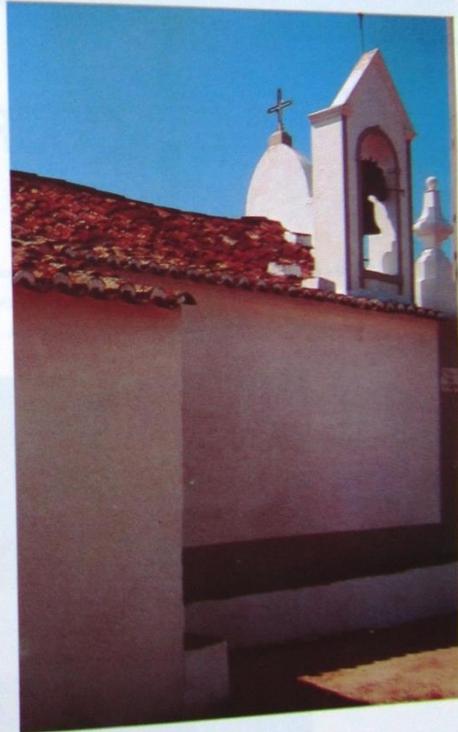


Aspecto geral da Igreja



Vista da Fachada

Situada no extremo da povoação, a cerca de 15 Km a Norte de Avis, é um templo rural, de grande simplicidade, patente logo na fachada sem um interesse artístico manifesto, salvo no curioso jogo dos volumes arquitectónicos, com o frontão recortado da cimalha e o pequeno campanário lateral a potenciar os contrastes cromáticos do branco e azul. O interior é de uma só nave, com uma



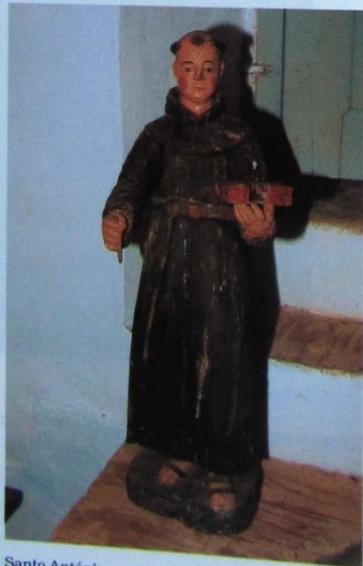
Pormenor da Sineira

Capela-mor funda coberta por abóbada de berço, onde subsistem curiosos vestígios de pintura decorativa, com representações vegetalistas enquadrando os Evangelistas. Os altares em alvenaria, Mor e os dois laterais, no topo da nave, foram totalmente repintados, ostentando cimalkhas com motivos decorativos, em estuque, característicos de finais do séc. XVIII.



Interior, com a Capela-Mor

ESCULTURA: No Altar-mor existe uma imagem em madeira, seiscentista, representando S. Brás. Do mesmo período é um Santo António, em pedra policromada, peça do mesmo período depositada na Sacristia.



Santo António



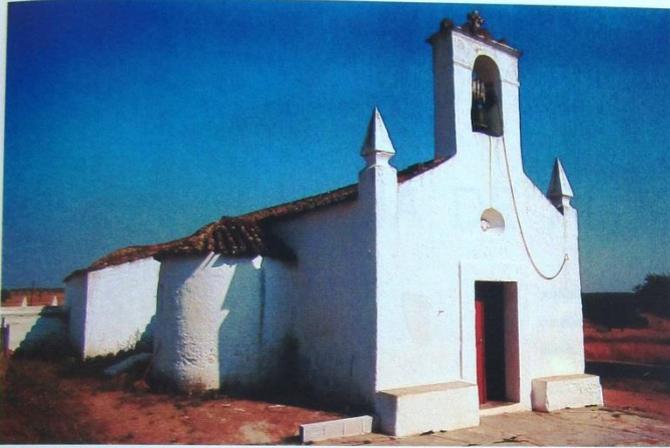
São Brás

IMPLANTAÇÃO: No extremo da povoação, já fora desta, junto a um montado e encostada ao cemitério. Em local isolado, sendo as poucas construções próximas a cerca de 100 m, no caminho de acesso.

CONSERVAÇÃO: Regular.

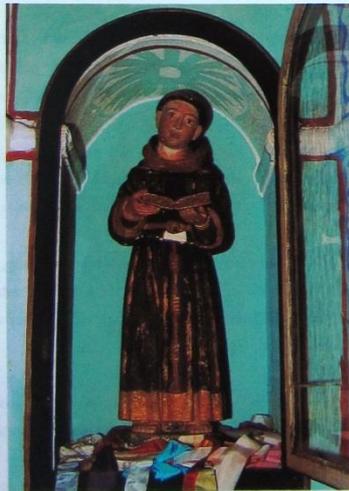
ACESSO: Difícil, sendo necessário pedir a chave numa das casas junto à estrada, de terra abatida, que acede ao templo, no extremo norte do povoado.

IGREJA DE SANTO ANTÓNIO DE ALCÓRREGO



Vista geral da Igreja

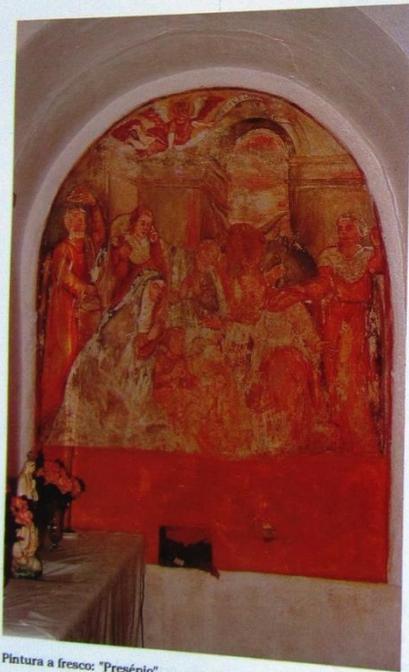
Situada em local ermo junto à pequena povoação com o mesmo nome, 7 Km a Sul de Avis, na estrada para Pavia, terá sido decerto objecto de romaria desde época remota.



Santo António

ARQUITECTURA: A sua fachada denuncia uma fundação medieval, gótica, de que não subsistem mais vestígios do que a distribuição dos volumes, com um portal de vergas rectas e um campanário simples no seu eixo, sobre a empena. Exteriormente são denunciados os volumes das capelas. O interior é muito simples, com uma só nave.

ESCULTURA: Digna de nota apenas a imagem do orago, Santo António, em pedra policromada e ainda do século XVI, encontrando-se colocada no nicho terminal da Capela-mor que sobrepuja o simples altar de alvenaria pintada.



Pintura a fresco: "Presépio"

PINTURA: Embora de grande ingenuidade, é extremamente interessante a pintura a fresco de um "Presépio" na parede lateral da capela do lado direito, obra de finais do século XVI ou início do seguinte mas imbuída de uma busca de Classicismo figurativo, à maneira dos mestres do Renascimento italiano - que o artista não tem recursos para imitar - patente na arquitectura representada em perspectiva, servindo de fundo, sobre a qual voa um anjo com uma fita tendo inscrita a lègenda "IN EXCELSIS DEO".

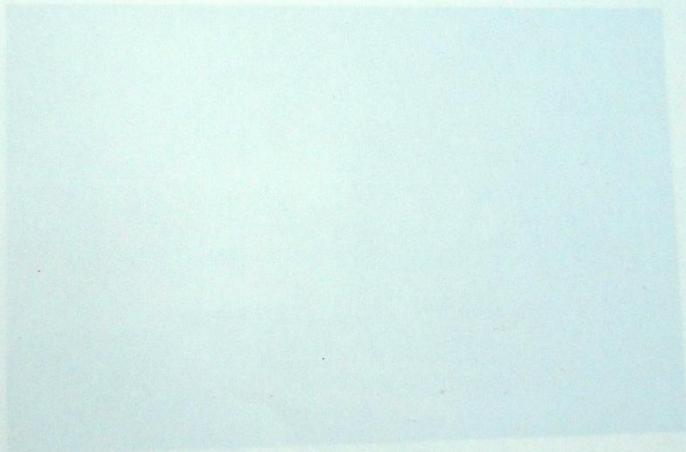
IMPLANTAÇÃO: Em local totalmente isolado, a escassos cem metros à direita da estrada Avis-Pavia, junto a uma estrada municipal que por ela passa. A curta distância, junto à fachada, subsiste um pequeno conjunto de casas tradicionais.

CONSERVAÇÃO: Regular, inspirando alguns cuidados no interior, sobretudo no que diz respeito à pintura a fresco numa das capelas laterais.

ACESSO: Difícil, estando a chave à guarda do Presidente da Junta de Freguesia na povoação, do outro lado da estrada principal, Presidente que se encontra geralmente no minimercado de que é proprietário.

FREGUESIA DE ALDEIA VELHA

Esta freguesia situa-se no concelho de Vila Rica, no município de Vila Rica, no estado de Minas Gerais, no Brasil. A freguesia de Aldeia Velha, fundada em 1763, é uma das mais antigas do município de Vila Rica. A freguesia de Aldeia Velha, fundada em 1763, é uma das mais antigas do município de Vila Rica.



ESCRITURA A escritura de Aldeia Velha, fundada em 1763, é uma das mais antigas do município de Vila Rica. A escritura de Aldeia Velha, fundada em 1763, é uma das mais antigas do município de Vila Rica.

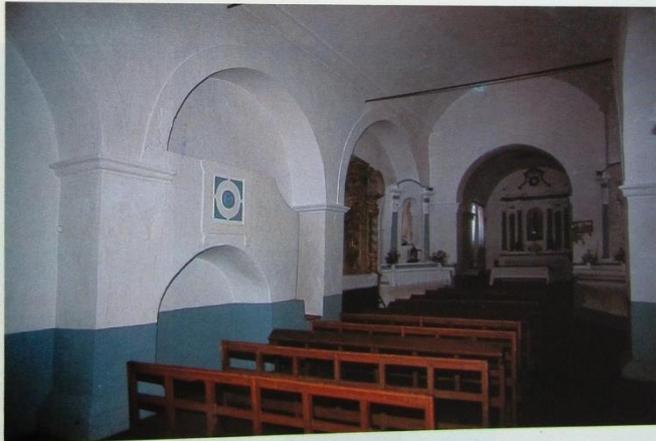
GREJA PAROQUIAL DE ALDEIA VELHA



Vista posterior dos volumes da Igreja

Pequeno templo situado numa povoação no limite ocidental do Concelho, a cerca de 12 Km de Avis, seguindo a estrada para Ponte de Sôr, foi Priorado da Ordem de Avis. Tem como orago Santa Margarida, padroeira da Vila.

ARQUITECTURA: Exteriormente não conserva qualquer motivo de interesse, para além da pequena sincira lateral, de caprichoso remate conopial. Mais curioso é o interior, de uma só nave coberta por abóbada de berço, com três arcos cegos de volta perfeita de cada lado - um dos quais inclui o púlpito - dando ao edifício um dinamismo espacial inexistente no exterior. A Capela-mor, também abobadada, é rematada por um retábulo rococó em alvenaria pintada.



Interior, de uma só Nave

ESCALATURA: Ao centro do Altar-mor encontra-se a imagem seiscentista de Santa Margarida, bastante maltratada, sendo do mesmo período um Santo António com o Menino em madeira policromada. Bem mais interessante - e principal justificação para a visita ao templo - é a excelente imagem de S. Miguel, em madeira policromada de finais do século XVIII; tem como fundo o altar construído para lhe servir de cenário, já que é de madeira martoreada, tendo na parte central um querubim que segura uma capa dourada - à maneira de um baldaquino - contra a qual se recorta a figura barroca de S. Miguel pesando as almas, com os pés sobre uma peanha onde as almas padecem nas chamas infernais.



Santa Margarida



Altar de S. Miguel



Santo António



S. Miguel, pormenor

IMPLANTAÇÃO: Em meio urbano, estando desafogadas as suas fachadas principal e lateral norte.

CONSERVAÇÃO: Boa, não inspirando cuidados. Foi objecto de reparação em data recente.

ACESSO: Fácil, encontrando-se a chave guardada numa das casas próximas, já que a igreja está normalmente fechada.

